

Editorial

Poderíamos começar com uma frase um tanto enfática – as cidades continuam na ordem do dia! Deixemos de lado, contudo, esse tom enfatizado do discurso, para nos centrarmos, mais prosaicamente, na efectiva publicação do segundo número de *Cidades*. Ou seja, em certa medida, é este o nosso modo de manter as cidades em discussão, mesmo sabendo a ambiguidade dos seus significados e a tendência retórica para a sua manipulação. Mas, por isso mesmo, torna-se necessário abrir o leque das abordagens sobre essas entidades urbanas, sem que se pretenda construir “um pensamento” ou “uma teoria”, como dissemos no número anterior, mas antes na convicção que o conhecimento sobre as cidades está em devir permanente, à semelhança, de resto, dos próprios processos de mudança dessas mesmas entidades históricas e culturais.

Temos, assim, portanto, a publicação de mais um número da revista do Centro de Estudos Territoriais, de acordo com o projecto inicialmente apresentado. Trata-se, ainda, de um número relativamente heterogéneo nas temáticas abordadas, mas introduzindo um elemento inovador e significativo (já previsto naquele mesmo projecto), no que se refere à colaboração de autores fora do “circuito interno” do grupo editorial, neste caso de investigadores estrangeiros – concretamente, Roselyne de Villanova e Francesco Indovina – consultores, de longa data, deste centro de estudos. É um sinal evidente do que então dissemos, no sentido de alargar o presente projecto editorial para além da exclusiva produção dos membros daquela unidade de investigação.

Em relação aos conteúdos dos textos apresentados neste número, eles seguem, igualmente, a lógica que referimos anteriormente. Isto é, um primeiro conjunto de artigos de natureza sobretudo ensaística e exploratória, a que se seguem diversos textos apoiados, fundamentalmente, em investigações de natureza empírica. Como é evidente, aquele primeiro grupo não deixa de se apoiar, nem que seja de modo implícito, em observações e análises da realidade social e urbana – simplesmente, o seu enfoque analítico é claramente de índole mais teórica do que empírica. Com efeito, se a revista não tem a pretensão de construir um pensamento sobre as temáticas em causa, nem por isso considera dis-

pensável o seu contributo, sem falsas modéstias, na construção de quadros de análise, de formulações problemáticas, enfim, de teorias sobre as cidades.

Por outro lado, o segundo grupo, mais apoiado directamente na pesquisa empírica, não deixa, igualmente, de participar naqueles quadros de problematização, ainda que as suas abordagens se situem mais “próximo” da respectiva realidade. Bem sabemos que a distinção proposta é um tanto arbitrária, ainda que a consideremos cientificamente importante, sobretudo ao nível da própria pedagogia da investigação teórica e empírica. E não só, também ao nível da divulgação das reflexões mais conceptuais e operativas e dos resultados das pesquisas empíricas realizadas, parece importante multiplicar os “olhares” sobre os diversos objectos de investigação – sistematizados, no presente projecto editorial, através daquela distinção analítica – como forma de, reciprocamente, exercer a avaliação das teorias e a exploração da empiria.

Dissemos que este número apresenta alguma heterogeneidade temática. Mas essa mesma diversidade de temas, permite apontar, contudo, para alguma polarização analítica em torno do que, à falta de melhor expressão, poderíamos designar de “marginalidades” de ordem social e urbana – no sentido de quem é colocado (ou que se coloca) à margem da sociedade e do território.

Assim, a abordagem sobre os diversos grupos étnicos, na sua multiplicidade cultural, agindo e em interacção em contextos urbanos e suburbanos, insere-se, claramente, naquela polarização analítica – tal é o enfoque privilegiado de Roselyne de Villanova, numa abordagem em que a situação portuguesa não deixa de ser analisada no confronto com o caso francês. Por outro lado, questões de segregação social e territorial, mas também de exclusão social urbana, a que se encontram associadas diversas formas de pobreza, são alguns dos temas recorrentes em diversos textos – estão, assim, neste grupo, os artigos de Isabel Guerra e de Ana Cardoso et al.

De referir, também, neste quadro um tanto “marginal”, um enfoque muito particularizado sobre a comunidade cigana – de que se destaca o artigo de Alexandra Castro et al. Poder-se-ia acrescentar, ainda, que o tema da “insegurança urbana” (bastante orquestrado e manipulado na

chamada opinião pública) é também, por excelência, um tema “marginal”, nos seus múltiplos significados sociais e políticos – tal é o enfoque de Francesco Indovina, que discutindo aquela “manipulação”, acaba por explorar os processos de construção social do medo nas cidades.

Mas, como sabemos, não estamos perante a publicação de um número temático da revista – tal como previsto no projecto inicial, será o caso do próximo número, dedicado ao tema da habitação. Por isso, os restantes textos aqui inseridos, abrem-se para diversas áreas de reflexão analítica e de observação empírica. No primeiro caso, encontra-se um artigo sobre protagonismo urbano e projecto de cidade – através do qual Vítor Matias Ferreira acaba por discutir a condição pública e patrimonial das cidades. Em relação ao segundo grupo, a heterogeneidade é mais significativa, face aos textos anteriormente assinalados, abrindo-se, assim, para dois artigos de algum modo complementares entre si: primeiro, a discussão sobre a noção de ambiente urbano – numa abordagem de José Luís Casanova, centrada nas representações sociais e na cidadania em Lisboa; por último, uma abordagem sobre impactos sociais e urbanos – num texto assinado por Ana Cotrim et al, a propósito da Ponte Vasco da Gama em Lisboa.

É sempre muito redutor apresentar, esquematicamente, um conjunto de materiais analíticos que, para além de certas polarizações temáticas, devem ter uma apreciação devidamente individualizada – em todo o caso, os artigos aqui publicados abrem, sempre, com o respectivo resumo, para os quais se remete o leitor interessado em ter uma primeira aproximação aos conteúdos desses diversos textos. De referir, ainda, que diversas imagens pontuam os artigos

assinalados, procurando ilustrar, assim, alguns dos temas abordados. Em todo o caso, muitas dessas ilustrações “falam por si”, enquanto figuras do quotidiano urbano e da própria imagem das cidades.

Diversas Notícias abrem um outro espaço da revista, para além da rubrica das Recensões e das Bibliografias – neste caso, continuando a publicar os livros de autores portugueses sobre as problemáticas urbanas, iniciadas no número anterior. É importante destacar que, em relação às Notícias, não houve uma preocupação de exaustividade, nem se julga ser esse um dos objectivos fundamentais da presente revista.

Deste modo, começámos por destacar o centenário de nascimento de Henri Lefebvre, pelo papel emblemático que este filósofo/sociólogo representou em relação à teoria e às práticas na/da cidade; o projecto (na net) sobre “Lisboa Abandonada” é, sem dúvida, um projecto inovador que merece ser noticiado e acompanhado; finalmente, a notícia sobre dois encontros internacionais: o Seminário Internacional de Corredores Verdes, em Lisboa e o Forum Europa 2001, em Barcelona. Sobre esta rubrica das Notícias, a direcção da revista faz um apelo aos leitores, agradecendo, antecipadamente, a sua colaboração.

O Editorial de uma revista é, quase sempre, uma espécie de “cartão de visita” da própria revista. Tarefa ingrata, sem dúvida, dado que esse “cartão” deve ser, simultaneamente, sucinto, explícito e atraente! Que os leitores não confiem demasiado nas aparências, caso elas os façam desistir de continuar a leitura. Ao fim e ao cabo, a experimentação ainda é o nosso maior lema!...

Vítor Matias Ferreira

Post Scriptum

*A Direcção da revista Cidades deseja agradecer, publicamente e uma vez mais, os apoios financeiros que tem recebido desde a apresentação do respectivo projecto editorial, apoios que, como é óbvio, aparecem devidamente explicitados na ficha técnica da revista. Lembrar esses apoios é, também, uma forma de explicar os motivos porque reduzimos, significativamente, o preço de capa do presente número, bem como o das respectivas assinaturas. Deste modo, aqueles apoios acabam, também, por se repercutir, indirectamente, na aquisição da revista, sendo certo, porém, que qualquer alteração significativa daqueles apoios (positiva ou negativamente), não poderá deixar de se reflectir no custo final para o leitor. Sem querermos fazer uma analogia com o custo do “barril de petróleo”, gostaríamos de contar com a cumplicidade dos leitores nesta “oscilante” política de preços de venda da revista **Cidades**.*